

Ano 1 • nº 5 • 2002

# NÓS DA ESCOLA

[www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola](http://www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola)

## Currículo: tecendo caminhos

Como a escola pode fortalecer a ação educativa



[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

**MULTIRIO**

ISSN 1676-5141



017-2676-14030 000002

**Zoom**  
*Reality Shows: diversão  
ou invasão de privacidade?*

# NÓS DA ESCOLA



Desenho da aluna Monique Levy, do Núcleo de Artes da Escola Municipal George Pfisterer, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)

Cesar Maia - Prefeito • Sonia Mograbi - Secretária Municipal de Educação • Regina de Assis - Presidente da MULTIRIO • Maria Inês Delorme - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • Ana Lagôa - Supervisão editorial • Solange Jobim - Supervisão pedagógica • Étida Vaz - Assessora de comunicação e ouvidora • Patrícia Alves Dias - Assessora artística • Guaira Miranda - Gerente de multimídia • Colaboradores: Alberto Jacob Filho (Fotografia), Ana Cristina Lemos (Programação visual), André Leão (Ilustração), Antônio Castro (Programação visual), Cristina Campos (Conteúdo), Cristina Morel (Conteúdo), Eduardo Duval (Ilustração), Frata Soares (Ilustração), Joanna Miranda (Conteúdo), Lúcia Barreiros (Produção gráfica), Marcus Tavares (Reportagem), Martha Neiva Moreira (Edição), Nancy A. Soares (Revisão), Paulo Visgueiro (Ilustração), Sérgio Carvalho (Fotografias), Suely Barreto (Conteúdo), Tania Oliveira (Projeto gráfico) • Fotolitos e Impressão: Gráfica e Editora Posigraf • Tiragem: 40 mil exemplares

<b>Editorial</b> _____	<b>4</b>
Hora de refletir	
<b>Cartas</b> _____	<b>5</b>
Livros, <i>sites</i> , filmes, programas de TV e agenda	
<b>Ponto e Contraponto</b> _____	<b>6</b>
Ruth Joffily, educadora, discute o que deve ser considerado quando se faz o currículo escolar	
<b>Olho Mágico</b> _____	<b>10</b>
O que é e como foi feito o <i>site</i> <b>Século XX1</b> , o novo projeto da MULTIRIO	
<b>Zoom</b> _____	<b>12</b>
Por que a onda dos <i>reality shows</i> mobiliza crianças, jovens e adultos?	
<b>Atualidade</b> _____	<b>14</b>
A polêmica em torno do sistema de cotas, para alunos negros, nas universidades	
<b>Capa</b> _____	<b>16</b>
Transformações sociais exigem que a escola repense seu papel	
<b>Pé na Estrada</b> _____	<b>21</b>
A inclusão na prática do Jardim de Infância Ana de Barros Câmara	
<b>Caleidoscópio</b> _____	<b>24</b>
Como os programas e produtos da MULTIRIO podem ser usados na escola	
<b>Professor On-line</b> _____	<b>27</b>
Tire as dúvidas sobre o seu contracheque	
<b>Vida de Professor</b> _____	<b>28</b>
O planejamento também pode falhar	
<b>Tudoteca</b> _____	<b>30</b>
Dicas de leitura, <i>sites</i> , filmes, vídeos e agenda de eventos	

Empresa Municipal de Múltiplos  
Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ  
CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br  
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212





No primeiro governo do Prefeito Cesar Maia, as escolas foram convidadas pela professora Regina de Assis, Secretária de Educação naquela gestão, a participarem da elaboração do Núcleo Curricular Básico MultiEducação. Foi o início da parceria com o objetivo de dar voz à comunidade escolar em um trabalho coletivo.



Hoje, continuando este processo de construção de uma escola democrática, temos uma proposta de política pública de Valorização da Representatividade, propondo caminhos para uma escola cidadã.

Voltamos a convidar toda a comunidade escolar a refletir sobre o currículo que temos. É hora de avaliação, revisão, aperfeiçoamento e criação. E toda representatividade, por meio de seus conselhos, tem um importante papel na mobilização para esta tarefa.

Neste ano em que as creches públicas, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, começam a passar para a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação, temos mais um desafio: o de refletir sobre o cuidado e a educação de nossas crianças de 0 a 3 anos.

Se queremos um mundo de paz e inclusão que preserve valores éticos, precisamos pensar o currículo, já que este implica formas de organização da educação e da sociedade.

Se queremos uma sociedade que não discrimine, mas seja crítica, reflexiva, criativa e dinâmica, o fazer da escola deve possibilitar que as relações sejam democráticas e igualitárias, devendo ter um trabalho incluído no contexto social da cidade, um espaço onde todos tenham direitos respeitados, onde haja solidariedade.

Se objetivamos este mundo inclusivo, cabe a nós, educadores, que temos autonomia conferida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, ajudar a edificá-lo a partir do espaço que ocupamos.

**Sonia Mograbi**  
Secretária Municipal de Educação

### Correção

Recebi um exemplar da revista **Nós da Escola** nº 4 e começava a folhear as páginas quando uma colega, que estava com a leitura mais adiantada, reconheceu o cartaz que ilustra as páginas 12 e 13. Ela me perguntou se aquele não era o cartaz que eu tinha feito com minha turma no ano passado. Não consigo registrar aqui o quão feliz fiquei em ver publicado meu trabalho. Passada a euforia, procurei ler o artigo e percebi que minhas marcas só poderiam ser reconhecidas por minhas colegas e por mim mesma, já que não havia o registro do meu nome e nem da escola. Meu pedido é que seja publicado o meu nome, o da escola e a turma que participou da produção deste cartaz. Agradeço a atenção e aproveito para parabenizá-los pelo excelente trabalho!

**Miriam Almeida @**  
Ciep Operário Vicente Mariano  
Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

**N. da R.** - O cartaz que ilustra as páginas 12 e 13 da revista **Nós da Escola** n. 4 foi feito pela professora Miriam Almeida, com a turma de 1º ano do ciclo de 2001 do Ciep Operário Vicente Mariano, no Complexo da Maré. Temos certeza de que, apesar da nossa falha, a professora tem em mãos uma prova concreta do destaque que foi dado à sua escola e ao seu trabalho.

□ Carta

□ Telefone

@ E-mail



### Formação

Recebi a edição n. 4 da revista e *deverei* rapidamente! Gostaria de parabenizar toda a equipe pelas matérias e pela entrevista. Fiquei especialmente tocada por este número, pois trata de um tema que vem me mobilizando bastante: a importância da nossa formação continuada. (...) Participo, há quase três anos, de um grupo de estudos formado por educadoras preocupadas com a prática na sala de aula. (...) Nossos encontros ocorrem na Escola Municipal Luiz Delfino, na Gávea. Lançamos nosso primeiro livro *Ata e desata – partilhando uma experiência de formação continuada*, que conta um pouco da história do nosso grupo e relata o que vivemos no primeiro ano de trabalho.

**Célia Flores @**  
Professora regente da Casa da Criança Borel I  
Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

### Artigo

Parafraseando Frei Betto no excelente artigo *Escola dos meus sonhos*: "(...) Na escola dos meus sonhos, a competência está aliada aos ideais e à crença de que, através da Educação, se constrói uma sociedade mais honesta, por isto, mais justa e humana. Onde alunos são felizes, gostam de ir à escola e na sala de aula não há lugar para o tédio (...)". Parabéns à MULTIRIO! A revista **Nós da Escola** traz um conteúdo rico, de leitura agradável. Apresenta-se como um veículo informal de investimento na capacitação de todos nós.

**Paula Vaz □**  
Secretaria Municipal de Educação  
Rio de Janeiro (RJ)

Velocidade e comunicação são a tônica do novo século. Transformação é a palavra de ordem. Diante das mudanças, uma questão vem à tona sempre que se fala em escola: como a instituição de ensino pode dar conta de tantas e tão rápidas transformações? Por trás desta pergunta está a definição do que deve constar do currículo escolar. “Os conhecimentos transmitidos aos alunos não devem ser verdades

prontas e acabadas”, observa a educadora **RUTH JOFFILY**.

Formada em Filosofia e Pedagogia e durante 14 anos professora de turmas de Educação Infantil da rede municipal de Paulínia, São

Paulo, ela discute, nesta entrevista, entre outros temas, a universalidade do currículo no Brasil: “A morfologia dos rios pode valer para todos os rios. Mas eu me banho ou bebo água do Atibaia, do Capibaribe, ou do Paraíba do Sul... em cujas margens se desenvolveram práticas sociais distintas e de cujas águas brotaram quimeras diferentes”.

## Sem limites para conhecer



### Qual a relação entre currículo e sucesso escolar?

Successo escolar está intimamente ligado à prática pedagógica desenvolvida, que só será bem-sucedida se tiver um significado para os educandos. Aquilo que é vivido na escola deve ser incorporado e não apenas absorvido intelectualmente. Para que isso aconteça, a prática pedagógica deve estar baseada em uma concepção de conhecimento que inclui o desejo, o afeto. É o afeto que dá significado aos conhecimentos e, ao querer conhecer, ganhamos força para ultrapassar as dificuldades. **O querer conhecer dos educandos não tem limite. Acho necessário que a prática pedagógica permita**



No Jardim de Infância Ana de Barros Câmara, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ), as atividades incentivam a cooperação

que esse apetite sem limites apareça. A noção de sucesso escolar não pode se restringir aos muros da escola. A escola só pode ser bem-sucedida se contribuir para a formação de sujeitos no mundo, na vida. E as técnicas aprendidas na escola devem ser incorporadas como técnicas de vida, ou seja, devem estar a serviço do bem viver, do ser feliz, do ter prazer no que se faz.

### De um modo geral, as propostas pedagógicas têm garantido a expressão da diversidade dos alunos?

Os conteúdos curriculares, muitas vezes, são tratados rigidamente e esse tratamento não leva em conta os interesses dos educandos. Aprende-se sem saber para que se aprende e, como consequência, esquece-se facilmente o que se aprendeu. As salas de aula são despersonalizadas, vê-se a turma como se todos fossem iguais, padroniza-se o ritmo. Os que aceleram acabam fazendo bagunça ou se desinteressando, porque não têm mais nada para fazer. Os que retardam, os sonhadores, por exemplo, acabam não tendo oportunidade de vencer as dificuldades e aprender e acabam assumindo o fracasso e se assumindo como fracassados. **Nas atividades de avaliação, é sempre o outro que me avalia. Escrevo, não para me exprimir e comunicar minhas idéias, mas para ser corrigido e receber uma nota.** E não participo, nem dos critérios, nem do julgamento.

### O que um currículo deve garantir?

Essa pergunta remete ao compromisso da escola e, portanto, do educador, com as crianças que a freqüentam. Compromisso que pode ser subdividido em três tipos: o compromisso ético e

político da formação do cidadão; o compromisso humano de permitir e contribuir para o desabrochar de todas as possibilidades da personalidade do educando; e o compromisso pedagógico de formar alunos capazes de ler e escrever com propriedade, de investigar o mundo de forma organizada e de realizar as operações matemáticas para resolver os problemas que se apresentam. O currículo, portanto, deve garantir o cumprimento simultâneo desses três compromissos. Simultâneo porque, muitas vezes, em nome do cumprimento da chamada grade curricular, privilegia-se o terceiro compromisso, deixando de lado os demais. E assim acaba-se por não cumprir o currículo, embora o professor acredite que o cumpriu, ou melhor, como se diz, *que deu a matéria*. Assim, **o compromisso de educador é o compromisso de cidadãos. E passa pela compreensão que temos e do que queremos na sociedade.** ▶



A escola deve oferecer a oportunidade de as crianças expressarem suas idéias

Se a sociedade, para nós, é algo dinâmico, que historicamente se faz e se desfaz, o cidadão que somos, ou melhor, em que nos transformamos, e aquele que contribuimos para formar devem pensar e viver na e pela transformação.

**Em uma sociedade em transformação, que conhecimentos devem ser trabalhados com os alunos?**

Bem sei que a transformação da sociedade depende da atuação de outras forças. **Mas se incluímos na concepção de sociedade a dimensão do futuro, portanto, da transformação, não podemos fazer da escola um momento de estagnação.** Os conhecimentos que devemos transmitir não devem ser verdades prontas e acabadas, mas verdades *até que...* Acho que devemos pensar que os homens que vão atuar ou atuam compondo essas forças da sociedade passam ou passaram pela escola. E nela tive-

ram ou não oportunidade de trabalhar com autonomia e de forma cooperativa com seus companheiros. Tiveram ou não oportunidade de expressar suas idéias, sentimentos, alegrias e dores. Tiveram ou não oportunidade de comunicar sentimentos e idéias e ouvir respostas, outros pontos de vista, confrontar suas idéias com outras, se retomar. Tiveram ou não oportunidade de aprofundar e testar seus gestos e idéias em pesquisas e atividades. Tiveram ou não oportunidade de comunicar seus interesses, suas curiosidades e vê-los atendidos e acolhidos, dispor dos meios e da organização necessários para seu aprofundamento. Tiveram ou não oportunidade de se auto-avaliar e de contribuir, cooperativamente, para a avaliação de seus companheiros. Sabemos que, infelizmente, na maioria das salas de aula o educando não teve e não tem essa oportunidade.

**Por quê?**

Nós, professores, não fomos alunos dos professores que gostaríamos de ser. Precisamos nos reinventar ou inventar uma prática que permita o cumprimento simultâneo dos três compromissos. Tomemos, por exemplo, o compromisso da cidadania. Tendemos a acreditar que a escola forma os cidadãos. Essa formulação supõe que as crianças não são ainda cidadãs, elas serão algum dia, quando saírem da escola. Sendo assim, essa concepção leva a uma prática de exclusão. **As crianças não são cidadãs. Só os adultos são os cidadãos na escola.** Para garantir direitos e deveres diferentes, e, sem dúvida, os direitos e os deveres dos adultos na escola são diferentes dos direitos e deveres das crianças, acabamos por construir na escola uma sociedade discriminatória. Mas não precisa ser assim, há outros caminhos e outras escolas possíveis.

**Que caminhos são esses?**

Tomemos, por exemplo, o tradicional direito do cidadão à palavra. Porque tem direito à palavra, o educando fala - produz sua fala, seu texto. Ao produzi-lo, produz a si próprio, se expande, desabrocha (se soubermos, enquanto educadores, contribuir para que isso aconteça, ajudando a levantar os bloqueios, respeitando as etapas de desenvolvimento, respeitando a linguagem e a cultura). Produzindo sua fala, seu texto, ele aprende a dos outros, aprende outras falas, aprende a técnica da escrita e suas regras. Em uma prática pedagógica afinada com a pedagogia de Freinet, por exemplo, poderíamos dizer que o primeiro compromisso se aprofunda com as reflexões sobre a educação do trabalho; o segundo compromisso tem sua base na concepção de tateamento experimental; e o terceiro compromisso se expande e se concretiza nas técnicas e práticas pedagógicas propostas: o texto livre, os ateliês de arte e de expressão, a imprensa, os ateliês de pesquisa, a biblioteca de classe, a correspondência escolar etc.

**Como as práticas inter, multi e transdisciplinares se expressam em uma proposta curricular?**

Quando o ponto de partida da prática pedagógica é o interesse da criança, os conhecimentos tendem a se cruzar e a se interpenetrar de forma transdisciplinar. **A proposta curricular, a meu ver, deve deixar claro que as segmentações são arbitrárias e só devem ser aceitas para efeito de esclarecimento.** Na Educação Infantil, por exemplo, continua-se a pensar as capacidades da criança como objetivos a serem atingidos, da mesma forma que as noções são pensadas como conhecimentos a serem adquiridos. Com isso, os interesses das crianças podem não ser atendidos porque o currículo não inclui determinada capacidade ou habilidade como adequada para aquela faixa etária ou de desenvolvimento.

**A senhora acredita na universalidade do currículo em um país grande como o Brasil?**

Depende do que entendemos por universalidade. E do que achamos que deve ser universal, no sentido de *de todos*, no currículo. Considero universal o direito de ter uma boa vida, de ser feliz. E acho que isso o currículo deve levar em conta. Todavia, se entendemos a universalidade do currículo como todos terem os mesmos conhecimentos transmitidos da mesma forma, acho que não. Diria até que é impossível, pois supõe esquecer que o conhecimento, por mais abstrato que seja, enraíza-se em uma prática social, mantendo com ela uma relação dialética. E essa prática social é diferente mesmo em espaços mais restritos do que o Brasil todo, até em um mesmo município. Se ficamos apenas com o mais universal, no sentido de mais genérico, corremos o risco de ter um conhecimento abstrato, que vale para todos, mas, contraditoriamente, é pouco significativo. E quanto mais nova a criança, menos significativo ele tende a ser. A morfologia dos rios, por exemplo, pode valer para todos os rios. Mas eu me banho ou bebo a água do Atibaia, ou do Capibaribe, ou do Tietê, ou do

Xingu, ou do Paraíba do Sul... em cujas margens se desenvolveram práticas sociais distintas, e de cujas águas brotaram quimeras diferentes. Como não posso, como professora, me impedir de considerar as perguntas pelo viés de minha prática pedagógica, lembro aqui a importância da correspondência escolar como veículo de troca de informações e de vivências e, também, como oportunidade de aprofundamento do autoconhecimento. Para responder uma carta dos correspondentes, as crianças precisam conhecer melhor sua própria realidade. E ao lerem as cartas dos correspondentes, elas entram em contato com outras realidades, recheadas de conteúdo afetivo, pois é a realidade dos amigos de longe. ■

Na Marc Ferrez, os estudantes aproveitam a hora de lazer para criar brincadeiras





# Polêmica e atualidade *on-line*

Ousadia talvez seja a melhor palavra para descrever o projeto que, a partir do segundo semestre, estará disponível para os professores do segundo segmento da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Depois de um ano de pesquisas, a equipe **Século XX1**, da MULTIRIO, publicará na web sua primeira produção. O *site* reúne temas polêmicos e instigantes, extraído do mundo jovem das grandes cidades e, por isso mesmo, de interesse de professores e familiares.

Composta por quatro jornalistas - Andréa Loureiro, Marlúcio Luna, Bete Nogueira e Ludmila Curi - e comandada por Fernando Mozart, profissional de internet, TV e cinema, a equipe fez extensa pesquisa para criar os conteúdos do projeto. Inúmeros livros, várias revistas, jornais e *sites* foram lidos, relidos e selecionados por eles. Todo o trabalho foi acompanhado por educadores da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

O resultado é um espaço virtual que possibilita ao professor refletir sobre assuntos que estão na pauta do novo século. *Rap e funk*, violência urbana e mundo do trabalho são os primeiros, de uma série de outros, grandes temas que estarão no ar na web e na TV sob forma de artigos, reportagens, entrevistas, relatos de experiências em salas de aula, sugestões de atividades e interprogramas.

Embora o *site* Século XX1 tenha uma enorme quantidade de informação, inúmeros *links* para outros *sites*, dicas de livros e outros materiais

de apoio para o professor, a navegação não será complicada. "Desenvolvemos uma espécie de *browser* - ferramenta de navegação - dentro da página, um tipo de bússola para orientar o acesso do internauta aos conteúdos", explica Mozart.

Quem acessá-lo se deparará com um *site* dinâmico e com um visual atual e refinado. Segundo o *designer* responsável pela criação do projeto gráfico, Antônio Castro, a página foi cuidadosamente elaborada e levou seis meses para ser construída: "É uma página leve, bonita, dife-

## Democratizando o acesso à informação

- 227 textos estão disponíveis no *site* da MULTIRIO
- 12 mil professores de 5ª a 8ª séries receberão o almanaque com o CD-ROM encartado

## Receberão o *kit*

- 408 escolas de 5ª a 8ª séries
- 30 salas de leitura pólo
- 20 escolas do Programa de Informática Educativa (Proinfo)

rente do que se vê em *sites* educativos e, principalmente, recheada de conteúdo pertinente e de qualidade, o que falta na internet de hoje. É um presente para a educação".

Um presente que, de acordo com José Henrique Jacob, programador web, representou um desafio. O conteúdo muito diversificado, a leitura na horizontal em algumas áreas e não na vertical como de costume, o dinamismo da navegação, o fato de o *site* ser alimentado por um banco de dados e atualizado pela equipe de conteúdo, e a elaboração de um sistema que identifica qualquer erro de funcionamento e gera um e-mail alertando, tornou o trabalho complexo. No geral, com todos os ajustes, a programação foi feita em quatro meses.

Além do *site*, o projeto **Século XX1** oferecerá aos professores e às escolas um *kit* com material de apoio para ser usado em sala. O *kit* contém o **Almanaque Século XX1**, que trata dos temas abordados no *site*; um CD-ROM com o conteúdo sobre *rape funk* e violência urbana publicado na web; e uma fita de vídeo contendo os interprogramas sobre o projeto que serão veiculadas no espaço televisivo MULTIRIO, o videoclipe da música *Minha Alma*, do grupo Rappa, e os documentários *Os Outros*, de Fernando Mozart, *O Trabalho dos Homens*, de Fernando Bonassi, e *Febre de Funk*, de Gustavo Caldas. ■

## Quem é quem no Século XX1

### Fernando Mozart

Diretor do Projeto Século XX1. Graduado em História. É roteirista, diretor de TV, cinema e produtor para internet. Recentemente dirigiu o premiadíssimo filme *Os Outros*.

### Andréa Loureiro

Gerente do projeto. Formada em Comunicação Social, com pós-graduação em Pesquisa de Mercado e Opinião. É produtora, diretora de TV e de projetos em web.

### Marlúcio Luna

Coordenador de conteúdo do *site*. Como jornalista trabalhou em O Globo, na Gazeta Mercantil, no Jornal do Brasil, na TV Manchete e no *site* Investnews.net.

### José Henrique Jacob

Programador web. Trabalhou na criação de diversos *sites* e como instrutor de programação.

### Antônio Castro

Responsável pelo projeto gráfico do *site* **Século XX1**. Artista gráfico há 10 anos, integra o grupo *3D mentes*, que ganhou no ano passado o principal prêmio do festival de animação Anima Mundi.

### Bete Nogueira

Repórter do *site*. Trabalhou nos cadernos culturais da Gazeta Mercantil, do Jornal do Brasil e da Tribuna da Imprensa. Foi também repórter do Jornal do Comércio e das revistas Marketing, Propaganda, Contigo e Contigo Criança.

### Ludmila Curi Kestenberg

Assistente de produção. Formada em jornalismo, trabalhou para a TV Universitária - UTV e integrou a equipe de produção do programa Observatório da Imprensa, da TVE.

### Eliane Bardanachvili

Editou o **Almanaque Século XX1** e prestou consultoria ao projeto. Jornalista especializada em Educação, já foi repórter do Jornal do Brasil, editora do Caderno Educação e Trabalho do mesmo veículo e assessora de comunicação social da SME. No ano passado, apresentou e editou, na MULTIRIO, o programa Educação & Trabalho.

### Sérgio Carvalho

Desenvolveu o projeto gráfico do *kit* **Século XX1**. Já criou projetos gráficos para o Instituto para o Desenvolvimento Empresarial e Acadêmico (IDEA) e para o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

### Miguel Angelo

Criou a abertura e as animações que constam dos vídeos do *kit* **Século XX1**. Como animador, já trabalhou na TV Globo, criando animações, chamadas e créditos.

Saiba mais sobre o projeto **Século XX1** na seção Caleidoscópio (página 26).

José Henrique, Fernando Mozart e Antônio Castro debruçaram durante meses sobre as imagens que resgatam o século XX e apontam para o século XXI



**Bisbilhotar a vida dos outros virou sinônimo de diversão do Oiapoque ao Chuí e em outros continentes. No dia 3 de abril, quando a TV Globo exibiu a final do *Big Brother Brasil*, de cada 100 televisores ligados, 76 estavam conectados à emissora. A média de audiência foi de 59 pontos. Recorde histórico. Nem o plantão jornalístico sobre o atentado de 11 de setembro nos Estados Unidos rendeu tantos pontos.**

## Intimidade compar tilhada

**O hábito de olhar pelo buraco da fechadura virou mania nacional e deverá fazer parte do cotidiano dos telespectadores ainda por algum tempo. A Rede Globo já está exibindo a segunda versão do BBB e o SBT, que inaugurou no ano passado o *voyerismo* na TV brasileira com a Casa dos Artistas, já confirmou a terceira edição do programa.**

**Depois de conquistar telespectadores de todo o mundo, os *reality shows* se tornaram objeto de estudo de profissionais de várias áreas, que tentam explicar, entre outras questões, porque esse tipo de programa atrai pessoas de 8 a 80 anos e qual o seu impacto na formação de crianças e jovens. Para enriquecer este debate, a equipe da revista *Nós da Escola* foi às ruas saber o que especialistas em psicologia, comunicação e educação, além de professores e alunos, pensam sobre o assunto.**

**Desperdício de tempo** - "Nunca assisti e não tenho nem curiosidade. Sei do que se tratam, mas não vou desperdiçar o tempo nesse tipo de diversão. É uma grande bobagem que a mídia inventou para faturar."



**Rosângela Varjão Tambasco**, diretora-adjunta da Escola Municipal Abílio Borges

**Apelo imediato** - "Este tipo de programa desperta interesse porque propicia uma identificação imediata do público. Os personagens são pessoas normais e o espectador, por isso, pode projetar em cada um deles seus anseios e suas frustrações. Existe também uma atração natural, constitutiva da nossa sexualidade, em desfrutar o prazer do 'olhar pelo buraco da fechadura' e do 'se exibir'. Além disso, há a fantasia, tanto de quem participa como de quem assiste, que participando destes programas se possa sair de um anonimato e ganhar algum dinheiro de uma maneira relativamente fácil. Não acredito, no entanto, que os *reality shows* tenham vida longa, pois os vínculos estabelecidos neste nível são, em geral, de breve duração. O que me interessa pensar no momento é a forma como se pode faturar a partir deste tipo de produto. Uma marca de brinquedos já lança a sua Maria Eugênia. O Kleber vira um herói e apresentador de programas infantis. Neste consumo imediato não se reflete em torno das dificuldades inerentes ao convívio humano e nem se discute alternativas para quando se está diante de uma invasão permanente do direito à privacidade. Poderia vir a ser uma experiência educativa, se estivesse em jogo o desafio de encontrar soluções para problemas que efetivamente merecessem a nossa atenção. O único valor que vejo é o de ter sido capaz de exibir um processo relativo a uma dinâmica interativa."



**Inês Ribeiro**  
Psicanalista e consultora da MULTIRIO

**Todo mundo vê** - "As pessoas dão um duro danado durante o dia. Quando chega a noite querem se distrair em frente à TV. Os programas, realmente, não ensinam nada, mas todo mundo acaba vendo. A curiosidade é maior. Além disso, se você não assiste, você não faz parte do dia-a-dia da sociedade. Você se torna um ser humano desinformado por não acompanhar a programação. Pode ser engraçado, mas é isso que acontece, principalmente entre os jovens."



**Bruna Patrícia Martins**  
Aluna da Rede Municipal de Ensino do Rio

**Vai passar** - "O sucesso deste tipo de programa é resultado, em boa parte, de uma boa jogada de *marketing*. Pensando que a educação é uma rede formada por uma série complexa de relações, queiramos ou não, estamos mergulhados no contexto destes programas de televisão. Por outro lado, entendo que há permanentemente uma disputa entre os sujeitos que desenvolvem os tantos processos educativos que neles se dão, ao comentarem, criticarem e, até, proibirem que se veja esses programas. Quem estuda televisão do lado dos *receptores* vai compreendendo que a influência desse meio (em qualquer dos seus programas) é sempre mediatizada por esses outros contextos, entre os quais se destaca a família, o grupo de amigos e, algumas vezes, a escola. Mas acredito que seja apenas um produto televisivo que vai passar, assim como outros já passaram pelos canais de TV."



**Nilda Alves**  
Professora da Faculdade de Educação da Uerj

**Corpo como vantagem** - "Talvez esses programas sejam recordes de audiência, pois falam de pessoas comuns, pobres e jovens, que se utilizam da malandragem e do uso do corpo para tirar vantagens sobre as outras pessoas. A televisão perde um grande potencial. Ela poderia desempenhar um papel muito mais importante, retratando assuntos de interesse social e não tornando o que é particular em algo público. Acho ainda que crianças pequenas não deveriam ver esses programas. Elas não têm malícia, senso crítico e podem ser facilmente influenciadas."



**Eduardo Stotz**  
Sociólogo

**Só futilidades** - "São programas antieducacionais. Mosttram apenas futilidades e exemplos que não merecem ser seguidos pelos nossos jovens. Acho que a maioria da juventude tem essa noção, mas se sente atraída pela imagem do novo. É uma lição de como não educar as pessoas para a vida. Pessoas trancadas em uma casa sem fazer absolutamente nada e ainda com o objetivo de ganhar dinheiro. O que é isso? Sou professor há 34 anos e acho que teria que trabalhar décadas para juntar o valor do prêmio que os programas oferecem. É essa a realidade da vida."



**Elton Francisco da Cruz**  
Professor da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

**Fama rápida** - "O sucesso dos *reality shows* deve-se muito provavelmente ao fato de que realizam o velho e latente desejo coletivo de que todo mundo possa se ver no *espelho* televisivo e ganhar fama instantânea, sem precisar de talentos especiais. Qualquer joão-ninguém tem a possibilidade de ascender à celebridade. Basta ser igual ao mais igual dos sujeitos de um cotidiano caracterizado pela banalidade e pela falta de grande sentido das ações. É como se a vida não fosse mais do que um acúmulo de gestos ligados à comida, bebida, sexo e infantilismos. Certamente estes programas podem ser bons temas para escolas que falariam sobre a importância do hábito e dos gestos repetitivos do cotidiano. Pode-se passar para os estudantes noções de sociologia do cotidiano, por exemplo."



**Muniz Sodré**  
Professor da Faculdade de Comunicação da UFRJ

**Polêmicos? Sem dúvida! (Des)interessantes, (Des)estimulantes, (Anti)educativos, (Im)próprios? Talvez!**

A partir do próximo concurso vestibular, as universidades do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e a Estadual do Norte Fluminense (Uenf) reservarão, anualmente, 40% do total de suas vagas para estudantes negros e pardos.

## Sistema de cotas na berlinda

A lei das cotas foi aprovada, no ano passado, pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e o autor do projeto,

deputado José Amorim, não tem dúvidas: “O acesso ao ensino de qualidade é fator crucial para possibilitar a ascensão econômica e profissional”.



Se fosse prestar vestibular este ano para as duas universidades que aderiram à proposta, talvez a professora Célia de Oliveira, 32 anos, não tivesse enfrentado tantos obstáculos para cursar o ensino superior. Ela ainda lembra do seu primeiro dia de aula no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Depois de várias tentativas, tinha vencido as dificuldades financeiras e os preconceitos raciais e passado no vestibular.

De uma família negra de oito irmãos, do bairro de Anchieta, Zona Norte do Rio, Célia foi a primeira filha a ingressar no ensino superior. Uma vitória se levarmos em conta dados do Censo Escolar de 1999, do Ministério da Educação (MEC), que indica que apenas 2,3% dos universitários brasileiros são negros: “Só consegui passar na terceira tentativa. Nunca tive dinheiro para frequentar uma boa escola nem para pagar um curso pré-vestibular. A concorrência é desleal”.

A idéia das cotas para negros e afrodescendentes faz parte da política conhecida como *Ação afirmativa*, criada nos Estados Unidos na década de 1960, e cujo objetivo é ampliar o acesso de minorias às escolas de qualidade e a bons empregos. Aqui, a proposta tem dividido opiniões.

**Problemas** - Segundo a comissão que coordena os vestibulares da Uerj e da Uenf, o candidato que quiser disputar as vagas precisará apenas declarar a sua cor de pele. Eis o primeiro problema. “A Uerj quanto a Uenf não terão condições de aferir a veracidade da declaração, já que não há distinção racial sob o ponto de vista genético”, afirma Paulo Fábio Salgueiro, subsecretário de Educação do Estado.

Uma outra questão é levantada por professores e alunos. Eles perguntam se a política de cotas não estaria, na verdade, discriminando estudantes brancos. Afinal, dizem eles, o artigo 5º da Constituição do Brasil estabelece que todos, independente de credo, raça, sexo ou posição social, são iguais perante à lei. Paulo Fábio avisa: “Por conta disso, nada impedirá que qualquer candidato recorra à Justiça”.

Foi o que aconteceu, por exemplo, nos Estados Unidos. Lá, desde a década de 1960, universidades e administrações públicas reservam um percentual de suas vagas para a população negra. No entanto, no

final dos anos 70, um estudante de cor branca entrou com um processo na Suprema Corte. Alegou que tinha sido prejudicado pelo sistema ao participar de um concurso público. Quatro anos depois, a Justiça deu o veredicto a seu favor.

“Não podemos comparar o sistema americano com o nosso. A sociedade brasileira tem uma dívida com a raça negra, que sempre foi desprovida de oportunidades. A cota é uma forma de reparar os erros cometidos ao longo dos séculos”, defende a professora Célia, que hoje integra o Conselho Gestor do Educafro, instituição que oferece bolsa de estudos a negros e carentes em cursos pré-vestibulares.

**Rejeição** - Embora seja contrário ao sistema de cotas, o advogado carioca Sérgio Branco Júnior afirma que, no Direito, tratar os desiguais de forma igual é manter a desigualdade, e indaga: “O Imposto de Renda é um ótimo exemplo. Para cada grupo de cidadãos que ganha uma determinada renda, há uma alíquota de contribuição diferente, não é mesmo? Ou seja: desiguais sendo tratados de forma desigual. O sistema de cotas não estaria fazendo a mesma coisa?”.

Pelo visto, o projeto ainda vai dar muito o que falar. O Laboratório de Políticas

Públicas da Uerj, instituição que tem 24% de alunos negros, resolveu fazer uma pesquisa com seus estudantes. O sistema de cotas foi rejeitado por 57,4% dos alunos. Entre os universitários de cor branca, a rejeição é de 60%. Entre os negros, 49,6%. Já 60,5% da classe docente concordam com a idéia de que devem existir projetos que promovam o acesso da população negra ao Ensino Superior.

“Vamos cumprir a lei. A Uerj é a favor das políticas afirmativas. Mas o fator que mais discrimina no Brasil não é a raça, é a posição econômica. As condições de igualdade devem ser dadas no berçário e não na porta da universidade”, argumenta a reitora da Uerj, Nilcéa Freire. O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, faz coro com as afirmações da reitora. Para ele, a criação das cotas é inconstitucional e não deverá tão cedo entrar na pauta das universidades federais: “Temos que estimular a discriminação positiva que dê oportunidades a todos”.

**Qualidade** - Para 95,3% dos estudantes ouvidos pela pesquisa da Uerj, o nó do problema está na falta de investimento na rede pública de Ensino Fundamental e Médio. A professora Célia de Oliveira vai além: “Na verdade precisamos de um ensino de qualidade à altura das escolas particulares, onde a maioria dos alunos é de cor branca”.

Na avaliação do historiador José Roberto Pinto de Góes, a reserva de vagas do Ensino Superior para a população negra e parda é uma forma de admitir que a qualidade da escola pública brasileira não vai melhorar, pelo menos, nesta e nas próximas gerações. “Do contrário, não seria necessá-

rio a política de cotas, já que negros e pardos são igualmente capazes e inteligentes como os brancos”, afirma José Roberto, em artigo publicado na revista *Polêmica*, do Laboratório de Estudos Contemporâneos da Uerj.

O resultado do último Censo do IBGE mostra que, em 10 anos, o número de pessoas que se autodeclararam negra cresceu de 5% para 6,2%. No mesmo período, a quantidade de pardos caiu de 42,6% para 39,1%. Para os técnicos do Instituto, os dados indicam uma mudança no comportamento da população negra, que começa a se assumir cada vez mais nas pesquisas. Mudança que talvez já esteja rendendo frutos. O Governo federal anunciou recentemente que a administração pública federal destinará 20% de suas vagas para negros. A decisão fez parte de um pacote de medidas na área de Direitos Humanos. ■



### AS COTAS PELO MUNDO

**Estados Unidos** - As cotas foram substituídas por um sistema em que ser negro ou hispânico pode significar o acréscimo de pontos na prova de admissão para um curso.

**França** - Há uma política de tratamento diferenciado para imigrantes, com instrumentos como reforço escolar, aulas de francês e capacitação profissional.

**Bélgica** - A chamada política de discriminação positiva privilegia os imigrantes marroquinos, em especial os jovens em idade escolar.

**Noruega** - O governo oferece aulas de norueguês e cursos técnicos a imigrantes da África e da Turquia com o objetivo de qualificá-los para o mercado de trabalho.

**Malásia** - Programas de qualificação e financiamentos facilitam a inclusão de pobres na economia nacional, dominada por negociantes chineses e indianos.

**Uganda** - A ação afirmativa dirige-se às mulheres: 30% dos assentos nos conselhos municipais, espécies de câmaras de vereadores, são reservados a elas.

**Índia** - Há reserva de mercado no serviço público em favor dos dalits, a classe social mais desfavorecida do país: 15% para concursados e 16% para os outros.





Ao refletirmos sobre currículo, a primeira idéia que vem à cabeça é a de programação escolar. O ato de programar o que será posto em prática em uma determinada escola não pode ser encarado como algo genérico, que sirva de elo estruturante para todas as escolas, em qualquer tempo e lugar. A razão é simples: o trabalho realizado em uma escola, embora significativo para o contexto desta

## Currículo: tecendo histórias, revelando caminhos



comunidade escolar, se submetido à análise de uma outra, pode não ter relevância alguma. Por conta disso, antes de se programar as ações escolares (ou elaborar o currículo escolar) é importante definir claramente o que se deseja fazer e com que fins. Um currículo deve conter todas as ações previstas e planejadas, levando-se em conta que, sempre, ele poderá ser alterado por questões imprevisíveis que precisam ser consideradas nos processos educativos. Nenhuma escola, nem ninguém, pode desconhecer o trágico episódio que destruiu as Torres Gêmeas e que abalou o mundo, em 11 de setembro de 2001. Há, ainda, certas efemérides que mobilizam os povos, como as Copas do Mundo, as eleições presidenciais, as Olimpíadas etc. Assim, não é interessante para a produção de conhecimentos, atividade maior da escola, manter-se fora da discussão sobre estes eventos carregados de significação para todos. A quarta Diretriz Curricular Nacional, ao definir princípios gerais de organização do currículo, nos ajuda a refletir sobre essas questões e encontrar caminhos para resolvê-las.



Brincadeiras e troca de experiências entre os alunos fazem parte do dia-a-dia do Jardim de Infância Ana de Barros Câmara



A mãe Márcia de Souza e o aluno João Matheus: parceria entre família e escola no Jardim de Infância Marechal Hermes, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (artigo 53 do Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente)

Vivemos na sociedade da informação e da tecnologia. O conceito de vida cidadã, que expressa os deveres e os direitos de cada pessoa, sugere novas formas de exercício da cidadania. Independente de as escolas estarem se utilizando de variadas tecnologias para a informação e para o conhecimento, a vida nos grandes centros urbanos já se antecipou e passou a cobrar de todos conhecimentos básicos sobre elas.

A sociedade não é mais a mesma e a escola, como um sistema vivo, parte desta sociedade, precisa assumir novos direitos e deveres, outros compromissos que exigem transformação e redimensionamento de seu papel, de suas responsabilidades e atribuições para tentar responder aos desafios de seu tempo. Nesse sentido, é importante que no currículo (programação escolar) estejam previstas, entre outros temas, questões relativas à vida cidadã - princípios educativos, éticos, estéticos, políticos e científicos que sustentarão as práticas pedagógicas e os conceitos, conteúdos e valores que garantirão as melhores alternativas para se alcançar os princípios.

Para o currículo ter vida é necessário que ele seja posto em ação, preferencialmente, mas não apenas, por meio de atividades desenvolvidas na sala de aula ou na escola. O currículo se tece sob a mediação do educador ao considerar as histórias de todos os que integram o sistema, suas variadas expectativas em relação à vida e à escola, as características gerais da infância e da juventude, as particularidades de cada uma das crianças e dos jovens em cada etapa de suas vidas e, ainda, tudo o que os alunos têm o **direito** de aprender e nós, educadores, temos o dever de ensinar.

É claro que os conceitos de ensinar e aprender não podem reforçar a idéia ultrapassada de que o professor seja o dono do saber, em contraposição à suposta ausência de saber do aluno. A forma mais garantida e promissora de se desenvolver ações educativas, que produzam novos conhecimentos, consiste em trazer as questões de linguagem para lugar de destaque para a constituição de novos saberes. O diálogo e as práticas predominantemente interativas são determinantes para a qualidade das relações entre professores e alunos, que podem produzir novos saberes.

**Integração** - O currículo deve ser um conjunto de ações planejadas de forma sistêmica e integrada, onde devem estar incluídos os conceitos, os conteúdos e os valores que serão os pilares de sustentação da ação educativa. Deve favorecer a livre expressão e o encontro de sentidos individuais em busca de significações coletivas, o contato de alunos com outros espaços da cidade e o acesso a fontes variadas de informação e cultura.

Não se pode mais pensar em produção de conhecimento sem considerar o papel das diferentes mídias e sua função mediadora para a produção de conhecimentos. Não se trata, apenas, de prever o uso de recursos tecnológicos como suporte à ação educativa, mas de refletir

### Elaborar currículo é...

- Estabelecer princípios norteadores relativos à Ética (autonomia, solidariedade e respeito ao bem comum); à Política (direitos e deveres da cidadania e respeito à ordem democrática); e à Estética (sensibilidade, criatividade e diversidade artística e cultural).
- Reconhecer e valorizar a identidade dos alunos e professores e as especificidades de cada comunidade escolar.
- Identificar os conceitos, conteúdos e valores que devem ser explorados com seus alunos, usando metodologias adequadas e os recursos necessários.
- Usar as teorias e os estudos relativos ao assunto como balizadores da ação educativa.

com seriedade sobre esta nova forma de mediação, que vem alterar os paradigmas que explicavam as antigas formas de se produzir conhecimento.

Quando o currículo desempenha seu melhor papel como instrumento de apoio do professor, elementos não previstos se fazem presentes, fatos novos são incluídos e outros, programados previamente, perdem o destaque planejado. Isto se dá quando o educador está *atenado* com o seu tempo e espaço e quando reconhece como válidas e autênticas as histórias pessoais, os medos, os desejos, as **características próprias**, os valores etc. de cada um que compõe sua turma e sua escola.

**Aliado** - Independente da faixa etária dos seus alunos e do segmento escolar que freqüentam, organizado em séries ou ciclos, o currículo deve ser um aliado da ação docente e, no seu próprio uso, deve superar. Junto ao currículo devem estar suas anotações pessoais, críticas e sugestões, avanços e recuos, limites e possibilidades, os erros/os acertos, os desvios de rotas, as construções conceituais da turma e de cada aluno que a compõe. As marchas e contramarchas que caracterizam os processos de constituição de conhecimentos, conceitos, habilidades e valores devem ser tomadas como movimentos naturais de pessoas diferentes que se encontram no espaço privilegiado e coletivo dessa constituição de saberes.

A presença de alunos em diferentes situações de aprendizagem, às vezes com idades muito variadas, dentro de um mesmo grupo, é habitual e pode ser considerado elemento rico para o trabalho do educador, desde que utilize estratégias de trabalho que lhe permitam estar próximo de cada um deles, sem perder o todo. Também é importante solicitar aos alunos que trabalhem em pares e em **grupos**, para que as diferentes experiências e conhecimentos prévios dos alunos sejam confrontados de forma produtiva.

Mesmo com grupos de alunos de idades próximas, dentro de uma mesma turma, não há qualquer garantia de que sejam parecidos entre si, que tenham histórias e desejos semelhantes, o que torna o espaço escolar mais dinâmico e rico. Nós e nossos alunos temos diferentes experiências, habilidades, interesses, aptidões, histórias de vida, expectativas etc. que se mesclam, se alteram, se combinam entre si de formas muito variadas e complexas, ao longo da vida.

**Infância** - O trabalho educativo com crianças de 3 meses a 3 anos e 11 meses, em instituições de Educação Infantil chamadas de creches e, também, a partir daí até os 6 anos, não pode ter as mesmas características do indicado para as séries de Educação Fundamental. Quanto menores são as crianças, mais explícita é a diferença entre elas no que se refere às conquistas socioafetivas, psicomotoras, intelectuais, cognitivas etc. Mesmo entendendo que a ação educativa, nesta fase, não deva ser encarada como ação escolarizada, o currículo norteador das ações deve refletir um planejamento flexível que atenda aos **princípios** de atenção integral à infância que se expressam em ações compartilhadas de cuidar e educar.

O currículo escolar, desdobrado em cada série, turma ou fase do ciclo, expressará o tom que cada educador dá ao seu trabalho, a forma própria de dar vida a este currículo. No entanto, quando a ação escolar se orienta por um currículo que expressa, com clareza, uma multiplicidade valiosa de autoria orquestrada por direções escolares com compromisso pedagógico e administrativo, em regime de gestão democrática, onde todos os que compõem a comunidade escolar estão presentes, em seus diferentes papéis, o sucesso escolar encontra as melhores possibilidades de acontecer. Não como obra sem autor, mas como consequência de uma ação competente, compartilhada e consequente. ■



As características pessoais dos alunos precisam ser reconhecidas e valorizadas pelos professores

Professor, você deverá propor atividades individuais, em duplas e em grupos, de modo que as crianças possam aprender e ensinar umas às outras, sob sua orientação, de outros profissionais ou de crianças mais experientes.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil trazem alguns princípios que as escolas devem seguir. Por exemplo: ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprias, com os demais e o meio ambiente de maneira articulada e gradual, as Propostas Pedagógicas devem buscar a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.



Artigo/Antônio Flávio Barbosa Moreira\*

## Currículo e sucesso escolar

Educador defende que a seleção de conteúdos deve levar em conta a sala de aula como espaço de pesquisa, de construção e reconstrução do conhecimento

Já na década de 1970, autores associados à chamada sociologia do currículo destacaram a importância do conhecimento escolar na definição do sucesso e do fracasso escolar. Argumentou-se, neste momento, que as seleções que compõem o currículo contribuiriam tanto para garantir os bons resultados de alguns estudantes, como para acentuar as dificuldades vividas por outros no processo de aprendizagem. Em casos extremos, o currículo poderia mesmo ser visto como parcialmente responsável pela exclusão de elevado contingente de alunos das escolas e das salas de aula. O currículo, portanto, deveria ser reformulado, ter seu caráter acadêmico reduzido e passar a incluir conteúdos não hierarquizados, significativos para o aluno e relacionados aos seus saberes e às experiências do cotidiano.

A crença de que mudanças na seleção, na organização e na estratificação do conhecimento podem provocar transformações radicais na educação e na sociedade já se revelou ingênua e irrealista. Sabe-se hoje que nem as escolas, nem as renovações curriculares, nem os professores são tão poderosos assim. Entretanto, o currículo faz diferença. Podendo ser concebido como uma seleção da cultura, o currículo, assim como a cultura, configura espaço produtivo em que, em meio a relações sociais assimétricas, se produzem, preservam e compartilham significados.

O currículo, portanto, nada tem de inocente, já que, no processo de divulgar, valorizar e reforçar certos significados, saberes, habilidades, valores e crenças, favorece sucessos e fracassos, bem como estimula a construção de certas identidades sociais. No currículo trava-se, então, uma disputa feroz.

Se o currículo não fizesse diferença, certamente não se constituiria em preocupação evidente de todo governo que se inicia. Contemporaneamente, são inúmeros os processos de reformulação curricular que se desenvolvem em diferentes países, envolvendo os distintos graus de ensino. Assim, como o currículo sem dúvida faz diferença, cabe reiterar a necessidade de se refletir sobre que conhecimentos podem favorecer o sucesso escolar e, simultaneamente, a formação de indivíduos comprometidos com o desenvolvimento da solidariedade e da justiça social.

Que desafios precisariam ser enfrentados pelos que pretendem selecionar e organizar conhecimentos nessa perspectiva? Destaco dois deles. O primeiro é identificar, em cada disciplina, que conteúdos podem favorecer a crítica cultural e tornar a escola espaço de questionamento do existente. A idéia é que as atividades curriculares podem e devem mostrar ao aluno que as coisas não são inevitáveis. Os questionamentos feitos em cada sala de aula devem, nesse sentido, perturbar, desestabilizar, desafiar as justificativas do existente, do que é tido como natural. Nesse processo, os saberes e os interesses do aluno deverão ser acolhidos, respeitados,

criticados e confrontados com outros saberes, também criticados, que procuram explicar o existente. Tais questionamentos podem não mudar o mundo, mas poderão permitir que o aluno o compreenda melhor.

Como segundo desafio, proponho que se oriente a seleção e a organização dos conteúdos pelo ponto de vista de que a sala de aula é um espaço de pesquisa, de construção e de reconstrução do conhecimento. Como professores/intelectuais, precisamos tornar-nos pesquisadores do conteúdo que ensinamos ou da prática que desenvolvemos e/ou centrar nosso ensino na pesquisa. Nesse processo, poderemos atualizar os conteúdos com que trabalhamos, torná-los mais relevantes, aprimorar nosso desempenho profissional, assim como incentivar o estudante a investigar, a buscar, a aprender prazerosamente, a conhecer coisas novas e, mais uma vez, a criticar o existente.

Conseguiremos anular todos os aspectos do processo curricular que têm contribuído para o fracasso escolar? Provavelmente não. Outras considerações e medidas, algumas fora do âmbito pedagógico, se fazem necessárias para isso. Mas talvez possamos tornar disponíveis para o aluno alguns dos instrumentos necessários a uma atuação mais crítica e mais criativa nesse mundo em que vivemos. ■

\* Professor titular da UFRJ

Uma escola onde os alunos têm uma agenda de gente grande, cheia de compromissos. Uma escola onde crianças portadoras de necessidades especiais estão integradas à rotina. Uma escola onde a brincadeira é a chave do aprendizado. Assim é o Jardim de Infância Ana de Barros Câmara, em Coelho Neto, Zona Norte do Rio. Lá, inclusão, participação e criatividade são as palavras de ordem.



## Mudança de hábito

Quem visita hoje o Jardim de Infância Ana de Barros Câmara não imagina quantas mudanças foram necessárias para que a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais fosse uma realidade e o projeto das salas de atividades deixasse de ser apenas uma idéia no papel.

O sinal de que a rotina na escola de Coelho Neto seria alterada foi dado em 1998. Na época, havia professores desestimulados porque não estavam conseguindo despertar o interesse dos alunos e pais reclamando que não havia na região um lugar seguro para seus filhos brincarem. "A área de lazer que servia à escola era compartilhada com a comunidade local. Havia problemas de segurança e, por isso, as crianças pouco saíam para brincar", explica a coordenadora pedagógica Maria Afonso Castelo.

Ao quadro de insatisfação de pais e professores, somou-se a necessidade de matricular, no ano seguinte, crianças portadoras de necessidades especiais. Na época, a Secretaria de Educação precisava de uma escola na região que pudesse receber alunos portadores de necessidades especiais. Como o prédio do jardim de infância tinha apenas um pavimento, sem escadas, foi o escolhido.

**Soluções** - Depois de muito conversar com a equipe da escola e ler e reler diversas vezes o currículo MultiEducação, a coordenadora encontrou o que seria a solução para o problema da falta de estímulo de professores e alunos e das reclamações dos pais. Seria criado o projeto das oficinas de atividades. "A proposta parecia complicada no papel, mas na verdade era simples: desenvolver com as crianças atividades ►



No Jardim de Infância Ana de Barros Câmara, a integração entre os alunos faz parte da rotina



## Brincando e aprendendo

### Arte de Representar

A idéia é trabalhar neste espaço a noção do corpo com fantoches, marionetes, roupas, chapéus e todos os acessórios do vestuário.

### Dó Ré Mi

Variados instrumentos musicais são usados nesta sala para despertar a percepção auditiva dos alunos.

### Jogando e Aprendendo

Esta oficina busca desenvolver o raciocínio lógico dos alunos. Jogos, números, um minimercado de brinquedo fazem parte deste espaço.

### Corpo e Movimento

Aqui se trabalha a linguagem corporal e suas diversas formas de expressão.

### Inventos e Inventores

As crianças descobrem como, por exemplo, se dá o processo de germinação de uma planta e quais são as propriedades físicas da água, realizando experimentos.

### A Casa da Boneca

Questões ligadas à cidadania são o tema desta oficina.

### Liberando a Expressão

Objetivo é desenvolver a comunicação oral e escrita.

### O Mundo das Artes

Espaço onde as crianças têm contato com as mais diversas linguagens artísticas.

usando diferentes linguagens, de forma lúdica. Seria quase uma brincadeira”, explica a coordenadora. Quanto ao trabalho com os alunos portadores de necessidades especiais, foi instalado na escola, em parceria com o Instituto Helena Antipoff (IHA), o Pólo Especial de Educação Infantil.

O espaço físico do jardim de infância foi reformado e adaptado às novas necessidades. Foram construídas novas salas, um auditório para 300 pessoas, um novo refeitório, rampas, banheiros com fácil acesso a crianças usuárias de cadeiras de rodas e um novo espaço de lazer e para a prática de atividades físicas. Obra pronta, faltava o mais difícil: iniciar uma nova rotina, que incluía a realização de trabalhos com os alunos em oito salas diferentes e a integração das crianças portadoras de necessidades especiais.

**Oficinas** – Após a reforma, a escola, que contava apenas com quatro salas de aula, ficou com oito. Todas aproveitadas para o projeto das oficinas. Cada uma delas foi ambientada de acordo com a linguagem a ser desenvolvida naquele espaço. Dessa forma, foram criadas as oficinas Jogando e Aprendendo, Arte de Representar, Dó Ré Mi, Corpo e Movimento, Inventos e Inventores, A Casa da Boneca, Liberando a Expressão e o Mundo das Artes (ver quadro).

Antes da implantação do projeto, os professores realizavam as atividades com os alunos em classe. Eles saíam apenas para lanchar e, eventualmente, brincar.

Com a nova rotina, as crianças passaram a trocar de sala duas

vezes por dia. Cada turma tem sua própria sala de aula, que integra o grupo das oito oficinas. É em uma dessas salas que a professora inicia e termina o seu trabalho diário com as crianças. O objetivo é criar o conceito de identidade entre os alunos e, também, entre eles e o espaço escolar. “O dia começa e termina na mesma sala de aula, que chamamos de referência. É uma forma de todos os estudantes de uma determinada turma perceberem que possuem uma identidade comum”, explica Maria Afonso Castelo.

As turmas percorrem, por dia, duas oficinas. Entre uma e outra, lancham, almoçam, visitam a sala de leitura, o parquinho e desenvolvem atividades recreativas dirigidas pelos professores. Em cada sala de atividade, as crianças ficam, em média, uma hora. “Mas, se desejarem, elas não são obrigadas a participar das atividades propostas. Cada ambiente conta com materiais que não estão necessariamente ligados ao tema da oficina. São brinquedos, revistas, livros e jogos que eles podem usar. Nada é imposto”, destaca a coordenadora.

Quando chega sexta-feira, todas as turmas já percorreram as oito oficinas. O dia é então reservado para o professor desenvolver atividades que não constam do planejamento semanal, como um trabalho sobre o Dia dos Pais, por exemplo. É o dia também destinado a arrumar a sala de aula. “Os alunos são incentivados a separar os brinquedos e os materiais e guardá-los. Deixam tudo prontinho para a semana seguinte”, conta a professora Fátima Rodrigues.

Uma vez por mês, os professores ficam até mais tarde na escola atualizando os murais e montando o planejamento mensal. A distribuição das turmas pelas oficinas é feita antes do início do ano letivo.

“No início, pensávamos que não ia dar muito certo passar de um lado para o outro com 20 alunos entre 4 e 5 anos. Com o tempo percebemos que o projeto das salas de atividades nos permitia trabalhar, de uma forma interessante para as crianças, com brincadeiras e jogos, suas habilidades”, recorda Fátima. Aos poucos os resultados foram aparecendo: melhora do desempenho da turma e mais interesse na aula.

Se nas oficinas os alunos brincavam, de certa forma, também o faziam fora delas. Para a alegria dos pais e, claro, das crianças, a área de lazer foi incorporada ao prédio da escola e não mais servia à comunidade. Eles agora tinham um local seguro onde brincar.

**Inclusão** - Ao mesmo tempo em que os antigos alunos se acostumavam às alterações no dia-a-dia, chegavam à escola 18 crianças, entre 9 meses e 3 anos e 11 meses, que transformariam ainda mais a rotina no jardim de infância. Todas elas eram portadoras de necessidades educativas especiais.

Num primeiro momento, a direção não se envolveu com o trabalho do Pólo. A escola apenas cedia o espaço. “A pessoa responsável pela turma não era nossa, era indicada pelo Instituto”, conta Maria Afonso. Alguns professores, por acharem que não conseguiriam conciliar o trabalho com as turmas regulares e especiais, permaneciam afastados do

processo de inclusão. “Achava errado a idéia de inclusão e pensava que não tínhamos competência para trabalhar com esses alunos”, lembra a professora Fátima Rodrigues.

No entanto, à medida que o tempo foi passando, o trabalho desenvolvido no Pólo foi despertando o interesse da equipe de professores e dos alunos de turmas regulares, que viviam fazendo perguntas sobre os *amiguinhos diferentes*. “Lembro de uma aluna que tinha um braço mais curto que o outro. As crianças logo estranharam e a convivência entre elas foi difícil durante um tempo”, conta a professora. Por despertar a curiosidade das crianças, a menina ficou muito tímida a ponto de viver com um pano cobrindo o seu braço. Foi preciso muita conversa até a garotinha se integrar à turma. A riqueza dessa experiência e o interesse pelo trabalho desenvolvido no Pólo levou a professora a se especializar em Educação Especial. Ela percebeu o grande potencial dessas crianças e constatou como era rico o processo de inclusão.

Hoje, três anos depois, ela está à frente da coordenação do Pólo. “A mudança de postura da equipe da escola frente à Educação Especial foi um processo lento, mas que chamou a atenção do Instituto Helena Antipoff, que, este ano, nos passou a responsabilidade sobre o Pólo”, explica Maria Afonso.

Ao todo, o Pólo atende 18 alunos, alguns com paralisia cerebral, outros com síndrome de Down, hidrocefalia e síndrome de Nobiles. Todos eles terão este ano uma experiência diferente: farão parte, pela primeira vez, do projeto das oficinas junto com crianças das turmas regulares. ■



### Além das várias oficinas, as crianças têm uma agenda cheia. Confira:

**7h15** - as nove turmas que estudam pela manhã chegam à escola e tomam café da manhã no refeitório. Assim que terminam, dirigem-se para a sala de aula. A professora faz a chamada, a roda de conversa e o planejamento do dia.

**8h** - as turmas trocam de sala. É hora da primeira oficina do dia.

**9h** - dependendo do planejamento do dia, a turma desenvolve alguma atividade na sala de leitura ou participa das atividades de recreação dirigidas pelos professores.

**9h30** - as turmas estão no parquinho da escola.

**10h** - hora do almoço e da higiene.

**10h30** - é hora da segunda oficina do dia.

**11h30** - de volta à sala de aula (referência), as crianças fazem uma avaliação do dia.

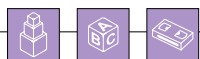
**11h45** - o sinal bate, é hora de ir para casa.

Após acompanhar o trabalho do Pólo, Fátima Rodrigues se especializou em Educação Especial



# Para sua atualização

Uma série de Ciências, outra que nos mostra os feitos e hábitos da humanidade e tudo que você vai encontrar no *site* do Projeto Século XXI



TV

## Dino Safari

Área de Conhecimento
Ciências e Estudos Sociais

### Sinopse

Esta série, com 26 episódios, utiliza dois tipos de linguagem: a lúdica, por meio de animação de bonecos, e a informativa, que apresenta imagens da natureza. A partir de histórias vividas por dois dinossauros são apresentadas imagens e comentários sobre aspectos da vida natural e social do nosso planeta.

### Na Escola

Com esta série o professor pode, com seus alunos, criar projetos de trabalho muito interessantes. O tema pode ser escolhido a partir de conversas em sala de aula ou depois de assistir a um dos vídeos. O importante é que cada professor incentive seus alunos a falarem o que sabem sobre o assunto, elaborando assim a oralidade, a capacidade expressiva. A idéia é que

todos relatem, reflitam e reorganizem suas experiências, dos amigos e dos professores.

Os projetos podem ser constituídos a partir de uma ou mais destas sugestões:

★ Livro de poemas ou acrósticos com os elementos do vídeo ou da pesquisa realizada a partir do programa.

★ Fichas de pesquisa com informações sobre o assunto do projeto, que pode compor, com outras pesquisas, um excelente **fichário de informações** para a turma ou para a escola.

★ Álbum divertido formado com situações reais visionadas e pesquisadas nos programas e misturadas com elementos da imaginação das crianças. Como seria um ninho de cachorro? E a toca de um jacaré?

★ Trilha sonora organizada para completar a pesquisa, selecionando letras e melodias, criadas pela turma ou retiradas de discos, para enriquecer diferentes aspectos observados no vídeo.

Ficha Técnica
<b>Tipo de produção:</b> Documentário e animação
<b>País:</b> Inglaterra
<b>Produção:</b> Hit Entertainment, Tern Pin Alley e Patridge Films
<b>Duração:</b> 24 minutos
<b>Horário:</b> Band - Cara de Criança (segunda a sexta-feira, às 7h30)



TV

## Ecce Homo

### Sinopse

Numa perspectiva histórico-cultural, esta série canadense de documentários, com 26 episódios, apresenta múltiplas formas de expressão e organização das sociedades humanas, como o trabalho, a escrita, a religião, a família.

Em cada episódio é mostrado um tema a partir de fotografias e vídeos interessantes, além de comentários de antropólogos, psicanalistas, sociólogos, professores e outros especialistas de diferentes áreas do conhecimento.

### Na Escola

Cada episódio pode ser usado para desenvolver projetos de trabalho, que reúnam diferentes áreas do conhecimento, com alunos de 7ª e de 8ª séries.

Cada projeto de trabalho pode ter como referência um

tema que seja explorado em um episódio específico da série, ou, ainda, pode usar a série toda, pesquisando um assunto e suas várias abordagens. Por exemplo, um projeto de pesquisa sobre a **mulher** pode utilizar diferentes episódios como: *Família, O Riso, Trabalho, Casamento, Moda e Vestuário, O Sagrado*. Cada grupo de alunos pode ver um programa, observar e registrar questões relacionadas com seu tema de pesquisa e, depois, apresentá-los em um seminário ou numa bela exposição, com os outros grupos, para toda a escola.

Para os professores, esta série apresenta-se como um excelente subsídio para enriquecer as aulas e projetos das séries finais do ensino fundamental, além de ser uma agradável fonte de entretenimento e de cultura geral.



Área de Conhecimento
História

Ficha Técnica
<b>Tipo de produção:</b> Documentário
<b>País:</b> Canadá
<b>Produção:</b> Motion International
<b>Episódios do mês:</b> Punições, Explorações e Moda e Vestuário
<b>Duração:</b> 30 minutos
<b>Horário:</b> Band (quinta-feira, às 14h) Net (segunda-feira, às 10h30, quinta-feira, às 9h30, e domingo, às 8h30)



TV

## Além-Mar

### Sinopse

A Língua Portuguesa, como parte e elemento determinante na cultura dos povos colonizados por Portugal, é o tema desta série de cinco episódios que, de forma atraente e poética, enfoca a variedade de expressões artísticas e culturais dos países que têm o Português como língua materna.

### Na Escola

Este documentário produzido em diferentes países e regiões que falam Português é material rico para pesquisar, analisar e buscar marcas socioculturais do passado histórico do nosso país e dos países colonizados por Portugal.

A série pode ser utilizada em diferentes aulas. Além do tema abordado em cada vídeo, cada episódio sugere, também, o desenvolvimento de temas correlacionados como a escravidão, o preconceito, a pluralidade cultural, a etnia e muito mais. Todos os projetos devem ter uma constante preocupação e cuidado com a produção textual em suas diferentes expressões: escrita, dramatização, vídeo, música etc. Professor, não deixe de dar uma olhadinha nos vídeos antes de trabalhar com os temas abordados na série. Com certeza sua aula será muito mais interessante e será enriquecida com novas informações.





## Internet, TV e Publicação Século XX1

**Área de Conhecimento**  
História, Língua Portuguesa e Geografia

**Ficha Técnica**  
Tipo de produção: Site, vídeo, CD-ROM e impresso  
País: Brasil

### Sinopse

Na certeza de que o conhecimento é a chave para o exercício pleno da cidadania, a MULTIRIO elaborou um conjunto de materiais educativos em diversas mídias, de forma a oferecer elementos que possam contribuir para o processo de reflexão sobre as grandes questões do novo século. Criar ferramentas que ajudem a ler o novo século foi o desafio da equipe de produção do projeto. Voltado prioritariamente para os professores de 5ª a 8ª séries, o **Projeto Século XX1** se divide em produtos educativos diversificados, como um site, CD-ROM, publicação e fita de vídeo.

O Projeto no site é estruturado a partir de unidades **CHAVE** sobre os temas, nas quais **C** é a conceituação/interpretação; **H** significa hoje (ou questões da atualidade); **A** é igual a sugestões de atividades; **V** é vitrine (ou sugestões de produtos para apoio às atividades educativas); e **E** significa

relatos de experiências sobre trabalhos educativos bem-sucedidos. O site buscará articular temas cotidianos de interesse do mundo adolescente e jovem (música, sexualidade, trabalho, violência, drogas, família, ecologia, atividades corporais, moda etc.), com questões essenciais do século XXI. Para atender escolas com dificuldades de acesso à internet, foi produzido um CD-ROM com a integra das chaves *Funk & Rap* e *Violência Urbana e Juventude*. A publicação Século XX1 - outro complemento do Projeto - traz entrevistas, *pílulas* com fragmentos dos conteúdos do site, textos, sugestões de utilização etc. A fita de vídeo, terceiro produto do kit, dará suporte ao professor no trabalho em sala de aula com os interprogramas *Pós-Darwin* e *Pós-Darwin II*; o videoclipe *Minha Alma*, do grupo O Rappa; os curtas-metragens *O Trabalho dos Homens* (Fernando Bonassi) e *Os Outros* (Fernando Mozart); e o vídeo *Febre de Funk* (Gustavo Caldas).



★ Saiba mais sobre o Projeto Século XX1 na seção Olho Mágico (página 10).

Nossa sugestão é feita a título de abordagem e detalhamento dos temas de cada produto. Consideramos que todos os vídeos, impressos, CDs-ROM e sites podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

# Entenda seu contracheque

Você já parou para observar como o nosso dia-a-dia está cercado de números, siglas, sinais, abreviaturas, placas, signos e códigos? São tantas informações que, às vezes, nem retemos. Mas elas estão por todos os lados, seja no banco, no supermercado, no cinema, nas contas do mês e... no seu contracheque.

De acordo com dados da Coordenação Geral de Despesas de Pessoal da Prefeitura, órgão responsável pela análise e checagem dos contracheques de todos os 132.448 servidores há, aproximadamente, 850 diferentes tipos de códigos nos documentos dos funcionários. Cada secretaria, autarquia ou fundação possui uma especificidade única,

que requer nomenclaturas distintas. Só nos comprovantes de rendimentos dos professores municipais há, pelo menos, 10 códigos diferentes todos os meses. E cada um deles é importante.

Para você não ficar confuso com tantos códigos, **Nós da Escola** destrinchou item por item o seu contracheque. Confira:

**Em que nível da progressão funcional se enquadra o servidor.**

**Número de dependentes de pensão alimentícia.**

**Número de dependentes inválidos que o servidor possa ter. Neste caso, ele receberá o benefício do salário-família triplicado.**

**Geralmente vem escrita a palavra NORMAL, quando se refere ao pagamento do mês corrente. Quando é paga alguma diferença salarial ou algum atrasado em data diferente do pagamento, o campo é preenchido com a palavra SUPLEMENTAR.**

**Número de dependentes do professor que é abatido no cálculo do Imposto de Renda.**

**Número de dependentes do servidor que consta do benefício salário-família.**

**Mostra em que regime de trabalho foi admitido o profissional.**

**Código que indica o cálculo do vencimento ou do desconto.**

**Valor do salário destinado aos descontos não obrigatórios. Cálculo: pega-se o salário bruto (exceto o salário-família e o auxílio transporte) e subtrai os descontos obrigatórios (pensão alimentícia, Imposto de Renda e Previdência). Calcula-se, então, em cima deste valor 40%. Esse montante é a margem consignável que pode ser destinada ao pagamento de empréstimos, carta de crédito, sindicato e associações.**

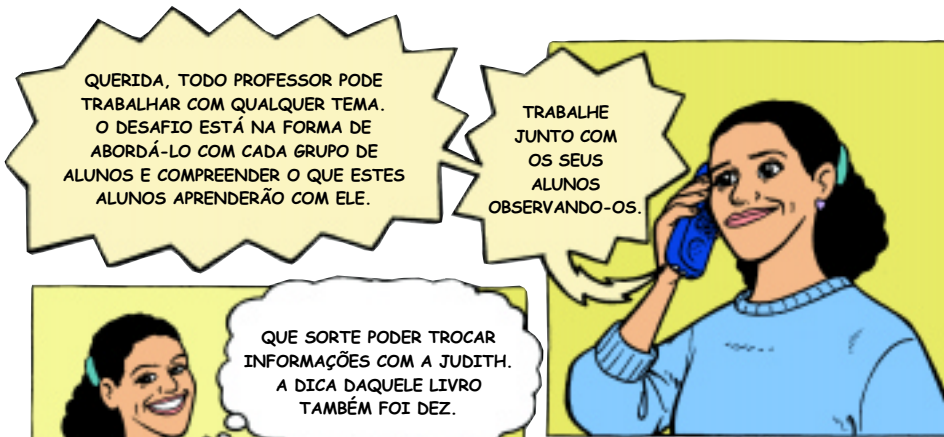
**Tipo de provento ou de desconto.**

**Código que designa os diversos proventos e descontos dos servidores.**

001	vencimento
004	trênio transporte
380	auxílio família
014	salário básica DAS
050	retribuição parcial indenizatória DAS
053	retribuição básica DAI
051	retribuição de difícil acesso
055	gratificação de dupla regência
170	gratificação de difícil acesso da dupla
171	gratificação de difícil acesso da dupla
172	terças remuneradas
257	ferias remuneradas
298	adiantamento férias magistério
302	adiantamento férias remunerada
237	encargo especial em ensino
378	encargo especial (Educação Infantil)
019	13º vencimento (Educação Infantil)
045	adiantamento 13º vencimento
032	adiantamento 13º magistério
036	13º magistério
627	Imposto de Renda
683	Funprevi
740	
741	Pensão alimentícia
743	
744	
769	Sepe
824	Fin. Imob. Prev. Rio



# Surpresas Cotidianas



## TV-VÍDEOS

Uma Escola do Tamanho do Mundo - Currículo e avaliação  
O programa trata da relação entre proposta pedagógica, currículo e avaliação.

(Programa: 5/Duração: 30 min)

Educação e Trabalho - Currículo escolar

Em entrevista a Eliane Bardanachvili, o professor Antonio Flavio Moreira, da UFRJ, fala de currículo e o surgimento das disciplinas.

(Programa: 22/Duração: 30 min)

Nós da Escola

No Ciep Patrícia Lumumba, as matérias do núcleo comum e as atividades integradas aparecem no dia-a-dia desta escola de horário integral.

(Programa: 17/Duração: 30 min)

Programas produzidos pela MULTIRIO/SME.  
Rio de Janeiro, 2001.

Mais informações:  
[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br),  
[ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br)  
Tel.: (21) 2528-8282

## FILMES

Show de Truman

Truman Burbank (Jim Carrey) é, sem saber, o protagonista do maior *reality show* da TV americana.

Disponível nas locadoras.  
Duração: 103 min.

## AGENDA

### ANPED

Entre os dias 29 de setembro e 2 de outubro, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) promoverá, em Caxambu (MG), a 25ª Reunião Anual. Informações: (21) 2234-5700 ou no Centro de Educação e Humanidades da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, sala 10014 - 2, Maracanã, Rio de Janeiro (RJ).

### CONCURSO DE LITERATURA

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) está com inscrições abertas para o concurso Leia Comigo, que premiará textos (relatos ficcionais ou de situações reais) cujo tema seja a leitura partilhada entre adultos e crianças ou jovens. Os trabalhos deverão ser enviados até 30 de setembro de 2002. Informações: (21) 2262-9130 ou pelo e-mail [fnlij@fnlij.org.br](mailto:fnlij@fnlij.org.br).

### CIÊNCIA

A Casa da Ciência exhibe até o dia 4 de agosto a exposição *Força e Movimento*. A mostra traz curiosos experimentos interativos que associam fenômenos físicos à mecânica. Professores podem participar de oficinas.  
O horário é de terça a sexta-feira, das 9h às 20h, e sábado, domingo e feriados, das 10h às 20h. Rua Lauro Müller, 3, Botafogo, Rio de Janeiro (RJ). Informações: (21) 2442-7494.

## PELA WEB

[www.escolainterativa.com.br](http://www.escolainterativa.com.br)

Discussões sobre temas atuais, *links* para outros *sites*, notícias da área de educação, além de dicas de filmes e entrevistas estão disponíveis neste *site* dirigido a pais e alunos.

[www.multirio.rj.gov.br/cime](http://www.multirio.rj.gov.br/cime)

Elaborado pela equipe MULTIRIO, em 1996, este *site* traz a íntegra do livro MultiEducação.

## LIVROS

Para a garotada

*Do que é que você gosta? Pequenos momentos, grandes prazeres* - Gérard Gréverand  
Editora Salamandra (2001)

Os pequenos prazeres e os instantes de simplicidade que formam a rotina das crianças são os temas deste livro, que tem belas ilustrações de Magali Bardos.



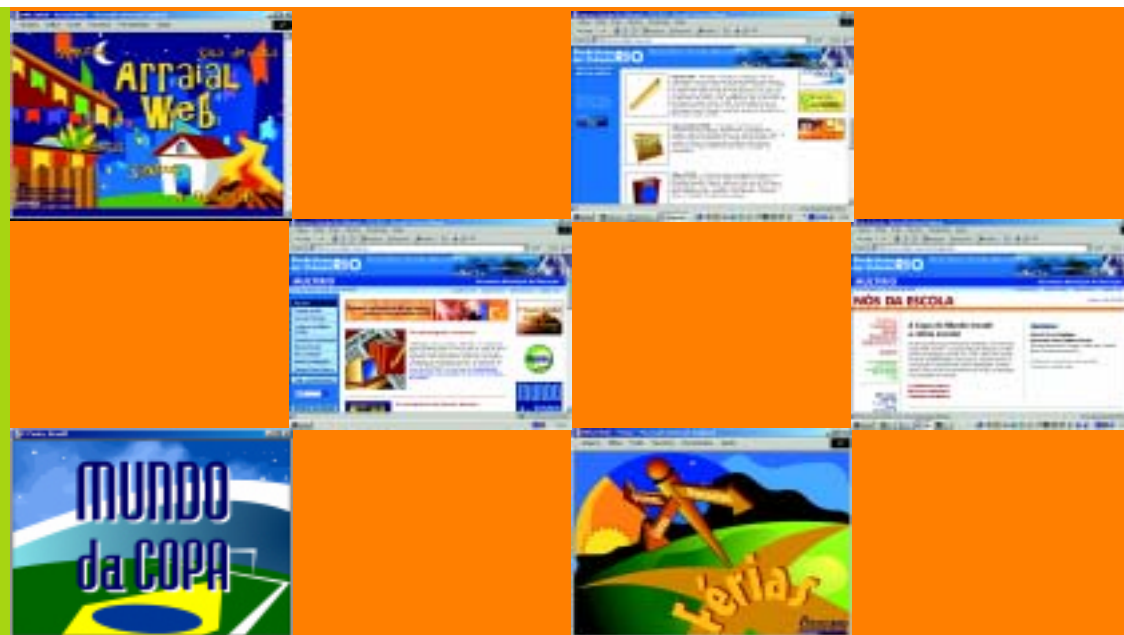
*De bem com a vida* - Bia Hetzel  
Manati Produções Editoriais (2002)

Mariana Massarani ilustra a história de Bia e sua gata Mel. A relação afetuosa entre a menina e seu bichinho de estimação é abalada com a chegada do pequeno gatinho Bem.

Para sua atualização

*A organização do currículo por projetos de trabalho* - Fernando Hernández e Montserrat Ventura  
Artmed (1998)

O livro trata da organização do currículo por projetos de trabalho e traz as reflexões de alguns professores sobre sua prática.



Como criar uma rádio na escola?  
Quando nasceu o mimeógrafo?  
O que as festas juninas têm a ver com matemática?  
E a Revolução Francesa com a escola pública?

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

## O lugar do professor na internet

- ▶▶ Artigos
- Sugestões de atividades
- Curiosidades
- Experiências pedagógicas
- Trabalhos produzidos pelos alunos

Divulgue suas experiências em sala de aula na seção **Multidéias**  
[www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola/multideias](http://www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola/multideias)

*Algumas coisas mudaram...*



*...veja na próxima revista*

**NÓS DA ESCOLA**



central de atendimento: (21) 2528-8282 • [ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br)